



REFLEXÕES SOBRE A ATUALIZAÇÃO DE UM ENUNCIADO COMO PRODUTO DE UM PROCESSO DISTÓPICO NO CONTEXTO DA INTERNET

Mariana Tane Neves Vasconcelos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: tanevasconcelos@hotmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Essencialmente dialógica, a linguagem é produto de condicionamentos históricos, cujo processo de construção de sentidos ocorre por meio de enunciados concretos e únicos. O limite entre cada um desses enunciados é a alternância entre os falantes de cada esfera comunicativa, sendo que, todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e está ligado a outros enunciados precedentes e subsequentes a ele em cada campo da enunciação (BAKHTIN, 2003).

Desse modo, não é o homem um Adão mítico que enuncia pela primeira vez, assim “o objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento do dia-a-dia) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 300). Para o autor, a língua tem um passado e toda vez que ela é enunciada seu sentido é atualizado, ou seja:

Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos respostas a essa questão, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades do sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas). Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 2003, p. 366).



No contexto da interação digital, a internet vem proporcionando aos seus usuários um maior acesso e divulgação de informações, e, sobretudo, uma mudança na forma de produzi-las e recebê-las, conforme assegura Castells (1999), caracterizada, principalmente, por uma linguagem semiótica e dinâmica proporcionada pela variedade de aparatos tecnológicos, a exemplo de *blogs*, *sites*, redes sociais – materialidades linguísticas – diversas formas de dispor um determinado assunto ou tema por meio de sons, imagens (ícones, *memes*, fotos etc.), vídeos, textos escritos em vários idiomas, dentre outros, isoladamente ou em conjunto.

Mediante o princípio do dialogismo proposto por Bakhtin (2003), cuja singularidade do enunciado produz sentidos únicos e, por isso, irrepetíveis, justifica-se refletir sobre a atualização de um enunciado específico considerando os aspectos sócio-históricos de sua origem (passado) e retomada (presente), observando a influência da internet neste processo. Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a atualização de um enunciado, qual seja: o do filósofo René Descartes, “Penso, logo existo”, bem como a sua relação de sentido e atualização com um *meme* que parte desse enunciado fundador, com o intuito de mostrar que, no contexto do ciberespaço, a distopia presente na língua tem sido representada em diversas materialidades, as quais propiciam tanto uma resistência às mudanças que ocorrem no tempo presente, quanto uma potencialização dessas atualizações ao refletirem os enunciados passados.

METODOLOGIA

O método empreendido para a investigação neste trabalho foi, primeiramente, a seleção das materialidades linguísticas, a saber: o enunciado “Penso logo existo” e o *meme* que parte desse enunciado fundador. Em seguida, após a leitura e seleção dos textos teóricos que embasam esta reflexão, orientamo-nos com base no dialogismo da linguagem conforme postulado por Bakhtin (2003), considerando para a investigação um dos pressupostos teóricos do autor, qual seja: a análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Círculo de Bakhtin considera, dentre outros pressupostos, o de que, para que haja uma análise dos fenômenos da língua, é necessário que seja realizada, antes, uma visualização da cena enunciativa, de modo que cada enunciado seja analisado conforme as condições do momento de sua produção (BAKHTIN, 2003).

Sendo assim, podemos evidenciar que a constituição de sentido no enunciado “Penso, logo existo”, cuja autoria é do filósofo e matemático René Descartes (1596-1650), está relacionado ao contexto da vida do autor, uma vez que sua vivência se deu na primeira metade do século XVII, um período marcado pela Guerra dos Trinta Anos – conflito entre católicos e protestantes. Segundo Aczel (2007), ocorreu, nesse período, “[...] impiedosa repressão de novas ideias científicas e filosóficas pela Igreja Católica, como o evidenciou o julgamento de Galileu pela Inquisição, a perseguição de outros pensadores que apoiaram a teoria de Copérnico e a queima de livros proibidos” (ACZEL, 2007, p. II). Nessa época, houve também um grande desenvolvimento intelectual motivado pelas ideias Renascentistas em conjunção com outras ciências. Descartes destacou-se, sobretudo, pela sua preocupação em promover um estudo filosófico que mantivesse a ordem e a clareza como matriz.

O enunciado “Penso, logo existo!” é oriundo de sua principal obra, O discurso do Método (1637), e evidenciou sua preocupação com a verdade, isto é, para o estudioso, deve-se duvidar até da dúvida, sendo este processo parte intrínseca à própria existência – ponto-chave da enunciação de Descartes, uma vez que no enunciado ele busca provar que o ser vive das dúvidas, estas que só podem ser constituídas pelo ato de pensar.

Em suma, esse e outros pensamentos de Descartes, ainda que estejam ligados ao período que descrevemos, segundo Aczel (2007), possuem características vanguardistas, uma vez que deram impulso aos pensamentos matemáticos e filosóficos atuais, a exemplo da segunda materialidade que nos serve como objeto de análise neste trabalho, como veremos na Figura 1, a seguir, representada por meio de um *meme*:

Figura 1- *meme* de Descartes



Fonte: Artes da Depressão, 2018. Disponível em:
<https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/faco-um-selfie-penso-posto-no-face-logo-existo-artes-depressao/42691>- Acesso em: 10 de abril de 2019.

O *meme* é um gênero discursivo relativamente novo, descrito em 1976 pelo escritor Richards Dawkins, em sua obra *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta). Atualmente, circula no ciberespaço, principalmente nas redes sociais, e configura-se como breves histórias com fundo crítico-humorístico que são uma imitação de outras histórias já existentes. O gênero destacou-se no Brasil a partir do surgimento da web 2.0, que permitiu uma fácil produção e compartilhamento de ideias.

Os enunciados representados pelo *meme* na figura 1 evidenciam que, de acordo com Bakhtin (2003), há uma atualização do enunciado fundador expresso na primeira materialidade do enunciado “Penso, logo existo!” analisado anteriormente, uma vez que nele se repetem as mesmas formas linguísticas do enunciado fundador. Porém, juntamente com o sentido construído no primeiro enunciado, o segundo apresenta uma nova configuração pelo acréscimo de sentidos alheios que conferem ao enunciado antigo uma complementação de sentidos, como podemos confirmar nas orações “faço um selfie” e “posto no face”, pois o sentido atribuído a eles, de acordo com o contexto do ciberespaço, indica que a ideia de duvidar da verdade, afirmada no enunciado fundador “Penso, logo existo”, permanece, contudo, agora circula no universo da verdade virtual, uma vez que no contexto digital e *on-line* os usuários costumam tirar fotos de si mesmos (*selfie*) e postar em rede, na maioria das vezes, ocultando a sua verdadeira realidade.



CONCLUSÃO

A relação dialógica entre as materialidades possíveis à língua configura-se nos discursos existentes entre os enunciados, visto que todo enunciado é um elo na cadeia comunicativa e está ligado a outros enunciados precedentes e subsequentes a ele em cada campo da enunciação (BAKHTIN, 2003).

Nossa investigação evidenciou que o enunciado fundador “Penso, logo existo” é assimilado pelo enunciado representado pelo *meme* da figura 1, cujo texto escrito é “Penso, faço um *selfie*, posto no face, logo existo!”, já que há uma atitude responsiva tanto nos termos linguísticos empregados no *meme* quanto no uso dos recursos semióticos representado pela imagem. Notamos, ainda, que a construção de sentido referente à atualização do enunciado fundador foi possível pela junção de sentidos inter-relacionados entre a imagem e os textos escritos, ou seja, sem o conhecimento do contexto de produção do enunciado fundador e do *meme*, as relações de sentido deste último poderiam ser diferentes das que conseguimos construir nesta reflexão.

Sendo assim, percebemos que a atualização do enunciado fundador propiciou uma distopia linguística, uma vez que este foi assimilado pelo enunciado representado por meio do referido *meme* no contexto da internet, o que permitiu uma potencialização de sentidos atribuídos ao novo enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: Atualização; Enunciado; Internet.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ACZEL, D. Almir. **O caderno de Descartes**: um mistério que envolve filosofia, matemática, história e ciências ocultas. BORGES, Maria Luiza X. de A. (Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.